

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Popular (S.P.)

Class.:

97

Data: 15 de Maio de 1988

Pg.:

A primeira base do projeto "Calha Norte"

BRASÍLIA - Há ainda uma região do País praticamente inexplorada. Lá, os índios mal falam português. Em sua extensão, de 270 mil hectares, só existem 16 homens civilizados. Ao contrário das outras regiões de fronteira, ao Norte do País, lá não há garimpos, guerrilheiros, contrabandistas de ouro ou de tóxicos. Trata-se do Parque Indígena Tumucumaque, na fronteira do estado do Pará com o Suriname, onde habitam os índios Tirió Wayana-Apalai. É nessa região, sem problemas de fronteiras, que o projeto Calha Norte do Conselho de Segurança Nacional instalará sua próxima base, fixando na aldeia Tirió um pelotão de 11 homens. Também a Funai (Fundação Nacional do Índio), não tem posto em tirió, que deverá ser instalado junto com a base do Calha Norte.

"A região ainda não tem problemas", afirma o assessor da Presidência da Funai, Cantídio Guerreiro Guimarães, ressaltando o "Anda". No Suriname, sucedem-se os problemas políticos e existe ação guerrilheira, o que pode vir a trazer futuramente os mesmos problemas que existem na fronteira da Colômbia, com a ação do M-19. A região é potencialmente rica em cassiterita e urânio. Em volta do Parque é fácil encontrar-se garimpos, o que pode fazer com que se repitam os problemas que há na fronteira com a Guiana, na serra do Surucucus. Além disso, a Funai já tem um funcionário fixo na região, no posto indígena Wayana-Apalai. Os Tirió são atendidos por missionários católicos franciscanos e os Apalai por protestantes. "Os índios só recebem assistência dos missionários. A Funai precisa instalar-se aqui", diz Cantídio.

Preservar a região

Preservar a região antes do aparecimento dos problemas: essa é a filosofia utilizada. Nesse sentido, a Funai montou na semana passada na região uma ação especial de saúde, no sentido de tomar um primeiro contato com os índios e com a região onde instalarão seu próximo posto, possivelmente no próximo mês. As ações especiais de saúde são

uma idéia antiga, introduzida pelo médico-sanitarista Noel Nutels em 1956, nessa época, criou-se um avião-ambulância da FAB, que seguia pelas áreas indígenas menos protegidas dando assistência médico-odontológica emergencial às populações indígenas. Tal serviço funcionou até 1972. No ano passado, quando se tornou assessor do presidente da Funai, Romero Jucá Cantídio, que fez parte do grupo de Nutels como piloto da FAB, reativou as missões de saúde. São feitas duas a três ações por ano, onde se utilizam três aviões Bandeirante, dez médicos, quatro dentistas e 17 enfermeiros.

No ano passado, as ações ocorreram junto a índios com maior assistência da Funai, como os Pataxó, no Sul da Bahia. Dessa vez, preferiu-se uma área quase desconhecida, só não totalmente despovoada por civilizados pela presença de um destacamento de quatro homens da Força Aérea Brasileira e os grupos missionários. A missão da Ordem Franciscana e a FAB chegaram juntos à aldeia Tirió, em 1959. Hoje, o destacamento da FAB limita-se a cuidar da pista de pouso de mil metros, recebendo os aviões que levam alimentos, remédios e material para os frades de origem alemã. "Eles não têm nada a ver com a assistência aos índios", diz o padre Bento Karlitz, que chefia a missão.

De acordo com Frei Bento a missão se encarrega da assistência médica aos índios, da orientação à sua economia (pecuária e agricultura) e do ensino religioso e da língua portuguesa. "Mas a língua portuguesa se ensina pouco", admite um dos dois únicos padres brasileiros na missão, Frei Sireno Oliveira. De acordo com frei Sireno, "a grande preocupação é com as almas dos índios. Existe uma disputa". A disputa a que se refere o frade é entre sua missão e a missão protestante que atende aos Tirió, que vivem do outro lado da fronteira, no Suriname. "Lá, eles dizem outras coisas e isso cria confusão na cabeça dos índios", diz Sireno. No Parque Tumucumaque, existem 860 índios, segundo informações da Funai.